

Navarro de Andrade

Cassiano Nunes, professor e poeta brasiliense, descobre um rico filão histórico e cultural nos discursos proferidos nas nossas Academias de Letras. Em meio a tanta sisudez é possível garimpar preciosas informações.

□ Cassiano Nunes



Homem de ação e acadêmico

A acusação mais constante que se faz às academias é a da sua imobilidade. Essa inércia parece-me particularmente insólita ou indesculpável nos países do Terceiro Mundo, onde está quase tudo por fazer... Será o academicismo fundamentalmente inconciliável com uma atuação operosa, útil à valorização ou divulgação da Cultura? Estranhável é esse tipo de paralisia, que já se considera tradicional, quando se observa que alguns acadêmicos se impõem como homens de ação... fora do recinto da Academia. Por que, então, se imobilizam "sous la coupole"?

De qualquer modo, devo reconhecer que pelo menos um proveito tenho tirado das instituições acadêmicas do Brasil: os discursos pronunciados nas cerimônias de recepção a novos membros. O discurso do que ingressa e mais o que o recebe, quando são publicados em plaquetas ou reunidos em coletâneas

grossas, volumes ôníbicos, com frequência oferecem sobre os patronos, recipiendários, e às vezes até sobre os oradores, que, com cortesia e soleridade, recebem os neófitos dados informativos de alta importância. Os numerosos volumes de discursos proferidos pelos membros da Academia Brasileira de Letras contêm documentos preciosos e páginas terárias antológicas. E outras academias dos Estados, por exemplo, a Paulista, a Mineira e a Pernambucana, também proporcionam alguns trabalhos significativos. A nossa própria Academia Brasileira de Letras, apesar de jovem, já tem lançado, em gênero, orações modernas: digo-o com toda a objetividade. Façamos votos para que essa literatura especificamente acadêmica, a que o tom às vezes cerimonioso não retira vitalidade, a inspiração a verdade histórica, continue a aparecer, enriquecendo assim a história literária brasileira.

Suplemento amplia intercâmbio

O acúmulo de conhecimentos, de vivências que cada um traz dentro de si é o que vai diferenciando as pessoas pela vida afora. As influências culturais do meio vão aproximando os indivíduos, permeando as relações, aperfeiçoando o

cotidiano, estabelecendo, enfim, os padrões de comportamento interpessoal. O saber é um legado que desafia o próprio tempo, passando de geração em geração. Desta forma, qualquer promoção na área cultural já responde a

anseios da própria sociedade. Quando se trata de um trabalho cuidadoso, caso do **DF-Letras**, a importância torna-se bem maior. Diante do enriquecimento social que, inquestionavelmente, proporcionará, parabenizamos pela

iniciativa de relançamento do referido suplemento cultural, acreditando que o caminho é este: abrir espaços, mesclar as diversas influências recebidas por Brasília e, mais especificamente, propiciar um intercâmbio cultural para o Legislativo.



Antônio José (Cafú)

PT

Estas modestas reflexões ocorreram-me ao terminar a leitura de um opúsculo que constitui hoje preciosidade bibliográfica, e que me foi ofertado por amiga generosa, Ilka Neiva, filha de Artur Neiva, a quem devo o conhecimento da valiosa correspondência trocada entre o valoroso cientista baiano e Monteiro Lobato. A plaqueta conserva o autógrafo da amizade: "Ao velho e querido amigo Arthur Neiva, com muito afeto. Ed. Navarro". Na página de rosto, lê-se: "Academia Paulista de Letras. Recepção de Navarro de Andrade. Discursos. 25 de outubro de 1934. Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", Rua Xavier de Toledo, 72. São Paulo. O livrinho contém o "discurso de Navarro de Andrade, ao ser recebido na Academia Paulista de Letras, a 25 de outubro de 1934", e, em seguida, a "resposta ao discurso de recepção do Sr. Edmundo Navarro de Andrade por Artur Mota".

Navarro de Andrade nasceu em São Paulo a 2 de janeiro de 1881. Era da mesma idade de seu companheiro Artur Neiva. Não me consta que tenha sido comemorado o seu centenário de nascimento. As faculdades de agronomia e sobretudo os cursos de silvicultura não lhe deviam uma homenagem? No entanto, na sociedade de consumo, o que escapa ao **marketing** e à propaganda que ele gera carece de importância. No meio em que vivemos hoje só deparamos com o império de uma mitologia obsessiva e alienante, o culto antropo-

cêntrico dos Zicos e Roberto Carlos, que estranhamente intoxica e esteriliza até as áreas de cultura, como a Universidade... E se alguma tentativa de reverência e espiritualidade ousar brotar não encontra qualquer receptividade ou divulgação, pois os comunicólogos jovens vivem num presentismo estagnado, que nada sabe do passado nem ilumina o futuro...

Adolescente ainda, Navarro de Andrade já se manifestava: sublevo-se na Escola Militar, ao lado

de Euclides da Cunha. Afilhado de Eduardo Prado, mereceu do padrinho rico e notável e depois da mãe deste, Dona Veridiana, a proteção mais desvelada e carinhosa. Forma-se o moço paulista agrônomo pela Escola Nacional de Agricultura, de Coimbra. Sua tese de formatura tratava de Dunas, assunto que quase um século antes fora tratado por outro paulista ilustre — talvez o maior dos brasileiros — José Bonifácio de Andrade e Silva, em memória apresentada à Academia Real de Ciências de Lisboa, "sobre a

necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal".

Acompanhando Eduardo Prado, o jovem Edmundo não só percorreu vários países da Europa mas também penetrou no meio literário mais fino de Portugal, em que conviveu com Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e D. Maria Amália Vaz de Carvalho. Voltando ao Brasil, em 1903, obteve ingresso na Companhia Paulista de Estrada de Ferro, criação da aristocracia cafeeira de São Paulo, como diretor do Horto

Florestal da empresa, preconizado pelo Conselheiro Antonio Prado e por Adolfo Pinto. Navarro de Andrade foi o técnico escolhido "para dirigir o novo estabelecimento que se pretendia criar, espécie de viveiro florestal à margem das duas linhas de bitola larga entre Jundiá e Cordeiro".

Segundo Artur Mota, Navarro de Andrade "resolveu o problema da Paulista em todas as feições, fornecendo-lhe combustível, dormentes, pontes e matérias-primas para outras funções. Multiplicou o número de bosques ao longo das linhas férreas da extensa rede de vias de transportes. Retribuiu a confiança nele depositada por Adolfo Pinto e Antonio Prado com uma fortuna enorme posta à disposição da Companhia a que serve, constituindo para ela fonte inesgotável de riqueza".

A campanha do ousado silvicultor em favor do eucalipto, essa árvore adventícia como o café, e que como a rubiácea se tem dado muito bem aqui, foi aplaudida por Pereira Barreto e Franco da Rocha, Pires do Rio e Artur Neiva, Plínio Barreto e Júlio de Mesquita Filho, Afonso Arinos e Vicente Licínio Cardoso. Monteiro Lobato, no artigo "Os eucaliptos", esfuziante de humor, mas seriíssimo na defesa da aplicação da ciência no país, para o melhoramento das condições de vida do povo, e também no elogio da criatividade audaciosa, ridiculariza o nacionalismo do tipo fecundo e irracional.



Acesso à cultura é um direito

Toda forma de manifestação cultural exprime o íntimo de um grupo, classe ou sociedade. Isto posto, mesmo antes de iniciar o meu mandato, já conhecia este excelente trabalho desenvolvido por esta equipe da Câmara

Distrital. Não obstante, quero colocar que muitas vezes imaginamos cultura como algo tão-somente restrito às artes, mas sabemos que cultura é muito mais do que isso, é o conjunto de expressões de um povo, as manifestações do

pensamento coletivo e as tradições reunidas no que chamamos folclore. No entanto, as artes como um todo, nas suas mais diversas formas de manifestação, são a ponta visível de Iceberg Cultural, devendo ser incentivadas sem medirmos esforços,

pois não se constrói uma sociedade verdadeiramente justa sem que se empreste ao homem acesso à cultura organizada, ou seja às manifestações artísticas. Parabéns ao DF-Letras por seu retorno.



Adão Xavier
PFL

Ilka Neiva ofereceu-me ainda a separata do vol. 32 do "The Journal of Heredity", uma publicação mensal dedicada a "Plant Breeding, Animal Breeding and Eugenics", e lançada em Washington, em que se noticia a concessão da Medalha Meyer a Edmundo Navarro de Andrade pelo feito saliente da introdução e utilização do eucalipto no Brasil. A cerimônia teve lugar em Glen Dale, Maryland, a 2 de junho de 1941, com a presença do Ministro João Alberto Lins de Barros, que representava o Brasil no Canadá. Finalmente, um jantar foi oferecido no Cosmos Club de Washington, para celebrar o evento. Os discursos pronunciados na ocasião foram interessantes, porém mais importante foi o artigo "The Eucalyptus in Brazil" publicado pela revista citada, em que Navarro de Andrade, de forma autobiográfica e quase poderíamos dizer confessional, nos transmite as verdadeiras razões por que empreendeu tão firme e devotada luta em favor do eucalipto. Neste artigo, ele responde à pergunta que lhe foi feita inúmeras vezes: "Dr. Navarro: por que o Senhor selecionou o eucalipto para o trabalho de reflorestamento da Cia. Paulista e não qualquer outra árvore? Por que o Senhor preferiu uma árvore exótica se, na flora brasileira, encontram-se muitas madeiras de maior fama?"

As respostas dada pelo animoso cientista foram simples. Trabalhando para uma empresa no sistema capitalista, que esperava os mais altos dividendos, o

silvicultor teve que escolher a madeira mais rendosa: ora esta era justamente o eucalipto, que cresce mais rapidamente do que qualquer outra árvore. É verdade que o cientista pôde atender assim às enormes exigências de madeira da empresa ferroviária, ao mesmo tempo que poupava as nossas florestas naturais.

O sábio agrônomo faz-nos oportunamente o relato de todas as suas pesquisas, através dos anos, num setor difícil de estudos e observações, pois o desenvolvimento integral das árvores exige muitas décadas, mais do que as que nos concede a vida humana. Conclui Navarro de Andrade a sua exposição em favor do eucalipto, de modo definitivo, porque é a única árvore rentável que um homem planta, não para o desfrute de seus netos, mas para pessoalmente alcançar o proveito do seu esforço.

Esse apologista do eucalipto, acusado da falta do sentimento nacional, contudo não desdenhou as árvores indígenas. Na direção do Serviço Florestal do Estado de São Paulo, reflorestou um boa parte da Serra da Cantareira com pinheiros do Paraná. Na companhia de Artur Neiva, empreendeu também uma tentativa de cultura da nossa laranja, mas que, infelizmente, não foi lucrativa como esperava. Para o

seu próprio ex-libris, não escolheu o eucalipto mas um jequitibá, cuja fronde foi circundada pelo distico "In silva cum libris: Beata solitudo!"

O ex-libris em referência caracteriza perfeitamente o homem singular que o idealizou: mostra o observador das matas no seio da Natureza, mas acompanhado do livro, esse milagre da civilização, que hoje tanto se desdenha, em busca da felicidade... na solidão: o lugar para os pensamentos do sábio, do filósofo, e também para as emoções delicadas do homem sensível, um tanto poeta. Navarro de Andrade soube prolongar a ação de cientista com o labor de literato, especialmente de memorialista-viajante. Como seu protetor Eduardo Prado, correu todas as partes do mundo, ansioso

de, em terras longínquas, outrora calcadas pelos aventureiros lusos, ancestrais, descobrir modelos, inovações, para esta parte dos trópicos... Como Artur Neiva, foi Navarro de Andrade um luso-tropicologista **avant la lettre**. Seus livros de viagem **À Volta do Mundo e Por aí Além** são bem escritos e cheios de reflexões curiosas.

Entre a floresta, umbroso asilo que buscava provido de um livro, e as reuniões acadêmicas, em que degustava a conversação espiritual, oscilou decerto, nos últimos anos, o coração do cientista-escritor. A presença de homens de

saber e de ação como Navarro de Andrade nas Academias devia estimular essas instituições compostas de pessoas de preparo especial a uma atuação mais constante em benefício de coletividades como a nossa, tão carente de cultura e de outras coisas mais.



□ Cassiano Nunes é professor da Universidade de Brasília e poeta

DF é pólo irradiador das artes

Os centros tradicionais de cultura, como a Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, entre outros estados, não reconhecem, por falta de informação, o potencial cultural do Distrito Federal. Aos 34 anos de idade, Brasília carecia de um veículo especializado para divulgação de seus movimentos culturais, com

isenção e responsabilidade. O **DF-Letras** veio suprir essa lacuna. Brasília não pode deixar vazios os seus espaços culturais. Eles precisam ser preenchidos, pois a cidade é jovem, mas já demonstra um grande potencial de centro irradiador de cultura, deixando de ser apenas um hospedeiro de enlatados

importados dos diversos estados da Federação, para não mencionar a subcultura internacional.

É preciso criar condições para que o jovem tenha um referencial na manifestação de suas aptidões intelectuais, para seguir um caminho seguro. A população brasileira já criou um sentimento em

torno de sua cultura, e a tendência é fortalecê-la ainda mais, especialmente depois da manifestação pura, sem rótulos, de seus jovens nativos.

O **DF-Letras** renasceu das cinzas, como o Fênix, para ajudar a espalhar essa manifestação, que brota espontaneamente de nossa gente. Parabéns e vida longa ao **DF-Letras**.



Odilon Aires
PMDB